

Parceria para salvar o Parque

FERNANDA VELLOSO

DA EQUIPE DO CORREIO

O incêndio que consumiu o Parque Nacional durante cinco dias destruiu 11.673, 860 ha, num perímetro de 73km — 40% da reserva ambiental. O Corpo de Bombeiros, o Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Exército anunciaram ontem à tarde um plano de ações para proteger o que sobrou. O trabalho conjunto começará na segunda-feira. "Queremos proteger os 60% restantes", afirmou o chefe de comunicação do Corpo de Bombeiros, major Rogério Santos.

Segundo ele, o perigo de outras áreas pegarem fogo é muito alto, pelo clima seco e vento forte ainda presentes na região.

Com o risco, o estado de emergência será mantido, decidiu o governador José Roberto Arruda, que agradeceu, no local, o empenho dos militares. "As conseqüências só não foram piores pela dedicação de vocês", destacou. Arruda fez um apelo à população. "Só ontem (domingo) tivemos outros 51 focos de incêndio, então queria pedir ao povo que colabore, não jogue pontas de cigarro na mata, nem coloque fogo nos terrenos. Este é o período mais

crítico da seca", lembrou.

A 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte) ainda investiga se o incêndio foi criminoso ou não. De acordo com o delegado Antônio Romera, quatro testemunhas já foram ouvidas. Elas viram onde e como o incêndio começou. Mas o inquérito, que foi instaurado na semana passada, ainda não chegou ao fim. Falta o laudo do Instituto de Criminalística da Polícia Civil. "Vamos comparar o nosso laudo com o que os bombeiros fizeram. Já sabemos que o foco do incêndio foi ao redor da chácara conhecida como Cel. Zamor, mas não podemos dizer se as chamas co-

meçaram na chácara ou não", explicou o delegado.

Até domingo, 159 militares continuarão a operação de rescaldo, que consiste em detectar e eliminar os pontos quentes no parque. De acordo com o plano de ação, os bombeiros farão rondas preventivas, o Exército ficará responsável pela cobertura em pontos mais elevados e o Ibama dará o apoio e estrutura necessários. Na avaliação da geógrafa Anajúlia Salles, diretora-executiva da Sociedade dos Amigos do Jardim Botânico (Sobotânica), "a perda foi catastrófica" e a recuperação da área deverá levar pelo menos cinco anos.